



La comunicación en Iberoamérica:

políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento

Margarida M. Krohling Kunsch

Organizadora



Quito - Ecuador
2013

**La comunicación en Iberoamérica:
políticas científicas y tecnológicas, posgrado
y difusión de conocimiento**

**A comunicação na Ibero-América:
políticas científicas e tecnológicas, pós-graduação
e difusão do conhecimento**

Margarida M. Krohling Kunsch
Organizadora

300 ejemplares - Agosto 2013

ISBN: 978-9978-55-107-3
Código de barras: 978-9978-55-107-3
Registro derecho autoral: 041871

Diseño y diagramación
Diego Acevedo

Portada
Arturo Castañeda

Impresión
Editorial "Quipus", CIESPAL
Quito-Ecuador

Los textos que se publican son de exclusiva responsabilidad de sus autores.

Índice

Presentación	9
Fernando Checa M.	
Introducción	13
Margarida M. Krohling Kunsch	
Parte I	23
Políticas científicas e tecnológicas da pesquisa em comunicação ibero-americana: pesquisas e conhecimento demandado pela sociedade	
Hacia una epistemología del Sur: comunicología latina y agenda de investigación Francisco Sierra Caballero	25
Política científica de comunicação em Portugal: desafios e oportunidades para os doutoramentos Moisés de Lemos Martins e Madalena de Oliveira	47
Articulación y exclusión: de las universidades en el diseño de políticas científicas y tecnológicas de comunicación Delia Cровi	103

De volta ao mundo real: epistemologia, política e o campo da comunicação Cesar Bolaño	121
Dilemas en torno a la formulación de políticas de ciencia y tecnología en comunicación Ángel Páez	133
Políticas científicas e tecnológicas da pesquisa em comunicação: pesquisas e conhecimento demandado pela sociedade. Ponto de vista a partir do Brasil Antonio Hohlfeldt	151
Políticas de ciencia y tecnología, y los estudios de comunicación en el Perú: notas sobre una ausencia estructural Eduardo Villanueva	161
Contra el desperdicio de la experiencia: políticas y saberes en el campo de estudios de comunicación en Colombia Eduardo Gutiérrez	173
Parte II Pós-graduação em comunicação na Ibero-américa: qualidade do ensino e da pesquisa de pós. Estratégias para formar pesquisadores, professores e profissionais	193
A pós-graduação em comunicação no Brasil: crescimento associado aos desafios da qualidade e da inserção internacional Maria Immacolata Vassallo de Lópes e Richard Romancini	195

Tendencias y perspectivas de desarrollo e internacionalización del posgrado en comunicación en México, Centroamérica y el Caribe Raúl Fuentes Navarro	235
Discontinuidades para la búsqueda de una estrategia en común Gustavo Cimadevilla	257
Los posgrados en comunicación en Iberoamérica: calidad de la enseñanza y de la investigación. Una mirada desde el trabajo y contribuciones de Felafacs Álvaro Rojas Guzmán	279
Parte III Revistas, enciclopédias e portais da Rede Ibero-americana de comunicação: ações coordenadas para democratizar o conhecimento	293
Visión general de los periódicos de comunicación en Brasil y de la Red Confibercom de Revistas de Comunicación Cicilia M.Krohling Peruzzo	295
Redes e portais de ciências da comunicação em Portugal Luis Humberto Marcos	309
Aporte de Diá-logos de la Comunicación a la difusión de las ciencias de la comunicación Abel Suing	333
La era <i>open data</i> . Publicaciones, política científica y socialización del conocimiento. Hacia una nueva economía política del archivo Francisco Sierra Caballero	347

<i>Revista Argentina de Comunicación</i> , una política de la voz Mónica Cohendoz	365
Difusión de la ciencia de la comunicación, una tarea pendiente en Latinoamérica Karina Valarezo e Isidro Marín Gutiérrez	377
Apéndices	393
Delia Crovi (Política científica y tecnológica en comunicación)	395
Raúl Fuentes (Posgrado en comunicación en Iberoamérica)	403
Ana Silvia Médola (Difusión de las ciencias de la comunicación)	407
Sobre los autores	413

Políticas científicas e tecnológicas da pesquisa em comunicação: pesquisas e conhecimento demandado pela sociedade. Ponto de vista a partir do Brasil

Antonio Hohlfeldt
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Resumo

O Brasil constituiu suas duas primeiras agências de fomento e apoio à pesquisa científica acadêmica a partir de 1950, com a criação do CNPQ – Conselho Nacional de Pesquisa e da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Os primeiros Programas de Pós-Graduação são organizados a partir de então, primeiro com cursos de Mestrado, depois de Doutorado. Os cursos de Comunicação surgem a partir dos anos 1970, no Rio de Janeiro e em São Paulo e logo depois começam a se organizar também em Brasília, Salvador e Porto Alegre. Hoje em dia, são mais de 30 instituições que desenvolvem pesquisas, mantêm relacionamentos internacionais com instituições similares, fazem intercâmbio de professores e alunos e realizam pesquisas em conjunto. Naquela mesma década de 1970, em que pese o contexto político bastante

adverso do país, com uma ditadura instaurada a partir de 1964 e radicalizada em 1968, com prisões e assassinatos/desaparecimentos daqueles considerados *subversivos* pelo regime, cassação de juízes, políticos e professores de suas cátedras universitárias, começam a se organizar as primeiras associações representativas dos pesquisadores: a SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e, especificamente no campo da Comunicação Social, a UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social. Em seguida, surge a Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, cujas primeiras reuniões ocorreram mais ou menos de maneira clandestina, diante das dificuldades enfrentadas junto às autoridades policiais da época (12 de dezembro de 1977).

Palavras-chave: pesquisa em comunicação, comunicação social no Brasil, ensino da comunicação, escola latino-americana de comunicação.

Panorama geral

O Brasil, hoje, apresenta mais de uma dezena de associações que agregam diferentes segmentos de pesquisadores no campo da Comunicação Social, com suas revistas e seus congressos, promovendo extenso e intenso diálogo entre os profissionais do campo. É evidente que, ao longo de pouco mais de trinta anos, houve uma forte institucionalização do campo da pesquisa em Comunicação Social, o que tem-se refletido na representação que o mesmo vem alcançando junto àquelas agências pioneiras e outras tantas que se foram organizando, quer em âmbito federal, quer em âmbito regional, inclusive por força de variada e nem sempre muito respeitada legislação.

Diminuídas as pressões policiais da ditadura, ao longo dos anos 1980, e ainda sob forte impacto das interpretações relativamente pessimistas dos seguidores da Escola de Frankfurt, alertava-se, naquela década, para os desafios e riscos a serem enfrentados pelos estudiosos da Comunicação Social. Venício A. de Lima, por exemplo, alegava uma *crise de identidade* dos cursos de Comunicação Social

(1990). Para ele, a primeira dificuldade era a plurissignificação do vocábulo *informação*, que sugeria mais de 40 abordagens disciplinares e mais de 50 modos possíveis de comunicação interpessoal. Mais que isso, a forte expansão dos chamados *mass media*, a partir da década anterior, com a adoção de tecnologias de ponta, como a discagem à distância, graças ao uso dos satélites de comunicação; o surgimento do vídeo e a formação das grandes redes de televisão e, por consequência, dos grandes cartéis de empresas comunicacionais, concentrados em umas poucas famílias e empresas, colocavam em risco as potencialidades democratizantes de tais conquistas.

A mesma perspectiva era adotada por Jesús Martín Barbero, em artigos sucessivamente publicados em 1981 e 1987 (1996). Para Barbero, o refluxo da utopia revolucionária e o crescente incremento de múltiplas tecnologias, em fluxo contínuo e avassalador, culminando na internet e em tudo o mais que se seguiria, colocavam em risco a pesquisa e uma perspectiva crítica a respeito de tal contexto. De um lado, a esquerda simplesmente visualizava tais conquistas como um luxo supérfluo em países de imensas disparidades sócio-econômicas e se negava a aprofundar estudos em torno do tema; de outro lado, a direita tratava simplesmente de instrumentalizar tais descobertas o mais possível, buscando constante multiplicação do capital. A ela não interessava, evidentemente, qualquer discussão neste sentido.

Para Barbero, ecoando discussões iniciadas por Armand Mattelart, era, contudo, necessário fugir da fascinação tecnológica, de um lado e, de outro, ampliar a consciência sobre os processos de dominação então em desenvolvimento. Dentre as várias alternativas propostas, tratava-se de valorizar a chamada comunicação alternativa ou popular, tema que surgia vinculado à Teologia da Libertação e que apresentara algumas variantes em relação aos processos massivos de comunicação. No Brasil, especialmente Luiz Beltrão – com a Folkcomunicação – Paulo Freire, Anamaria Fadul, Cicília Peruzzo e José Marques de Melo se preocupavam com tais possibilidades, buscando fugir do maniqueísmo crítico de Frankfurt mas sem cair

no canto de sereia dos otimistas de plantão. Não por um acaso, duas revistas especializadas, a *Comunicação & Sociedade*, da Universidade Metodista de São Paulo, editada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, e a revista espanhola *Telos*, editada pela Fundación para el Desarrollo de la Función Social de las Comunicaciones, na Espanha, dedicaram edições do ano de 1996 à realização de levantamentos e balanços a respeito do contexto da Comunicação Social no continente latino-americano, com a colaboração de estudiosos europeus que conhecem bastante bem o contexto continental, como Thomas Tufte, Daniel E. Jones, Enrique Bustamante, Jesús Martín Barbero, além dos próprios latino-americanos, como Raul Fuentes Navarro, Néstor García Canclini, José Marques de Melo, Héctor Schmucler, Roberto Amaral, Elizabeth Rondelli, Adolpho Queiroz, Juçara Brittes e outros.

Neste encontro que se realiza em um lugar histórico e privilegiado, que é a sede do Ciespal, como se pode atualizar esta auto-reflexão a que nos propomos? A partir da sugestão do Prof. Dr. Francisco Sierra Caballero, coordenador deste grupo de trabalho, buscamos refletir a respeito, tomando como referência o Brasil, mediante a técnica DAFO de análise. Não imaginamos que tenhamos esgotado o tema, mas procuramos desenvolvê-lo o mais amplamente possível, de maneira que as eventuais falhas logo poderão ser detectadas, comparativamente, a partir de outros documentos. Mais que isso, buscou-se levantar algumas sugestões e estratégias a serem discutidas e eventualmente adotadas como políticas deste fórum, para o futuro mediato.

Fatores externos: ameaças

De modo geral, identificamos as seguintes ameaças, a partir de fatores externos:

- a) Dependência de modelos teóricos exógenos, o que significa tanto a aplicação desses modelos para a análise de realidades diversas

quanto a dificuldade de circulação de terias endógenas no espaço ibero-americano; isso fica muito evidente quando levantamos a bibliografia hispânica ou portuguesa, voltada essencialmente para autores franceses e norte-americanos, tanto quanto na América Hispânica praticamente se desconhecem os autores brasileiros;

- b) Presença significativa de conceitos oriundos de outras áreas, seja das próprias Ciências Sociais Aplicadas, seja das Ciências Humanas, em detrimento de conceitos elaborados a partir do campo da Comunicação Social;
- c) Evolução e aplicação de tecnologias sem o necessário acompanhamento de reflexão teórica e prática a respeito desses processos;
- d) Valorização da prática profissional em detrimento da reflexão crítica e teórica;
- e) Dificuldades para o intercâmbio de professores e alunos, diante da diferente organização acadêmica dos países constituintes do bloco ibero-americano.

Fatores internos: debilidades

Podemos indicar, enquanto debilidades, as seguintes questões:

- a) Falta de reflexão e elaboração teórica específica para o campo da Comunicação Social;
- b) Valorização de modelos e práticas oriundas das ciências exatas e ciências puras;
- c) Dificuldade de circulação e de valorização de teorias e modelos endógenos ao campo da Comunicação Social e na região geográfica ibero-americana;

- d) Certo encantamento dos estudiosos e pesquisadores com as novas tecnologias em detrimento da elaboração de uma reflexão crítica a seu respeito;
- e) Falta de perspectiva histórica quanto ao campo;
- f) Sobrecarga de trabalho acadêmico dos profissionais pesquisadores;
- g) Falta de apoio institucional das instituições universitárias privadas para a atividade de pesquisa entre seus professores e alunos;
- h) As diferenças demográficas e educacionais internas, tanto no universo ibero-americano (regional) quanto nacional (diferenças regionais dentro dos próprios países);
- i) Concentração de universidades em determinadas regiões em detrimento de outras;
- j) Falta de legislação ou desrespeito àquela existente em cada país, por parte de suas respectivas administrações. Basta lembrar, por exemplo, o FUST – Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações que, no Brasil, deveria financiar a universalização de atendimento de todos os cidadãos brasileiros às telecomunicações, mas que até hoje não foi efetivamente concretizado, apesar da vigência formal da lei 9.998.

Fatores positivos: oportunidades

Em que pesem todas essas dificuldades, podemos verificar que existem oportunidades de desenvolvimento do campo da pesquisa em Comunicação Social:

- a) Apoio governamental para a pesquisa, tanto em nível nacional quanto regional e local;

- b) Crescente realização de eventos (congressos, simpósios, etc.) com a conseqüente discussão a respeito do conhecimento sobre o campo da Comunicação Social;

Existência de instituições, sobretudo governamentais, interessadas em participar e apoiar pesquisas e programas de estudo;

- d) Possibilidade de ampliação de intercâmbio, tanto regional quanto nacionalmente, inclusive em espaços bi-laterais e supra-nacionais;
- e) Existência de novas fontes de financiamento para estudos e pesquisas que possibilitam articulações estratégicas;
- f) Apesar da concentração de propriedade, as novas TIC se colocam como potencialmente democratizantes;
- g) Graças a crises sazonais, sobretudo na Europa e mesmo nos Estados Unidos, surgem possibilidades de intercâmbio entre pesquisadores mais experimentados que venham a se fixar temporariamente no espaço-ibero americano ou de pesquisadores ibero-americanos que podem realizar intercâmbios entre as nações constitutivas desse bloco.

Fatores positivos: fortalezas

Uma observação mais acurada do que vem ocorrendo na última década evidencia:

- a) Ampliação do campo da Comunicação Social graças às novas TIC;
- b) Criação e organização crescente de novas entidades de representação dos diferentes linhas de pesquisa;
- c) Criação e organização crescente de novas entidades supra regionais e nacionais;

- d) Intercâmbio crescente entre os diferentes blocos ibero-americanos graças a colóquios bilaterais como os que a Intercom promove.

De tudo isso, podemos levantar algumas questões que entendemos poderiam e deveriam fazer parte de um programa de interferência da Confibercom:

- a) Divulgação e circulação de novos estudos e teorias vinculados à realidade ibero-americana;
- b) Ultrapassamento de certo mal-estar ou até mesmo desconfiança para com as novas tecnologias da informação e da comunicação, advindas em grande parte da herança deixada pela Escola de Frankfurt, que vem sendo gradualmente resolvido pelos estudos culturais;
- d) Maior aproximação entre a academia, organizações não-governamentais e a cidadania em geral;
- e) Incremento de estudos empíricos, a partir de perspectivas já conhecidas e apresentadas, dentre outros, por teóricos como Luiz Beltrão, Paulo Freire, Jesús Martin Barbero, Néstor Garcia Canclini, Jorge Gonzalez, etc.;
- f) Maior aproximação entre estudiosos da cultura popular;
- g) Incremento dos intercâmbios entre pesquisadores ibero-americanos mediante acordos bilaterais de entidades ou agências governamentais, como os que o Brasil tem desenvolvido, por exemplo, com Cuba ou países africanos de expressão portuguesa;
- h) Aprofundamento de indicadores capazes de descrever objetivamente o estado da arte da pesquisa em Comunicação Social em cada país e no conjunto ibero-americano, de modo geral;

- i) Reiteração da existência de uma Escola Latino-americana de Comunicação, ainda negada por muitos entre nós.

Temos certeza de que muitas outras questões serão apresentadas e discutidas neste fórum. O que buscamos, aqui, foi uma reflexão inicial, que pretendemos possa ajudar na identificação e na discussão de nossos problemas, ao mesmo tempo em que apontar algumas alternativas a serem exploradas. Daí a importância estratégica da Confibercom e deste fórum.

Referências bibliográficas

ANÁLISIS DAFO. In: WIKIPEDIA. 2013. Disponível em: http://es.wikipedia.org/An%C3%1lisis_DAFO. Acesso em: 4 abr. 2012.

BARBERO, Jesús Martin. Desafios à comunicação na América Latina. **Boletim Intercom**: Estado, sociedade civil e meios de comunicação, São Paulo, v. 49-50, p. 23-35, jul./out. 1984. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/569/536>. Acesso em: jun. 2013.

BARBERO, Jesús Martin. Comunicación fin de siglo. Para donde vá nuestra comunicación? **Telos**, Madrid, v. 47, p. 58-64, set./nov. 1996.

CABALLERO, Francisco Sierra. **Documento de trabajo**. Março 2012, mimeografado.

JONES, Daniel E. Las revistas teóricas sobre comunicación en los países latinos. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 15, 1993, p. 149-159. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/pub/analisi/02112175n15p149.pdf>. Acesso em: jun. 2013.

LIMA, Venício A. de. Profissões e formação teórica em Comunicação. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 13, n. 62/63, p. 159-163, 1990. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewArticle/1350>. Acesso em: jun. 2013.